



INTERNACIONAL • BRASIL

No Brasil, as cotas raciais criaram uma geração de graduados negros

Postado hoje às 4h45, modificado às 13h34.

Leitura 6 min.

Artigo reservado para assinantes

Ofereça o artigo

RELATÓRIO | Instituído nas universidades federais pelo governo de Dilma Rousseff em 2012, o mecanismo de favorecimento de categorias até então distantes do ensino superior se estendeu à maioria dos estabelecimentos, tanto públicos quanto privados. Em uma década, o número de alunos negros saltou 400%.

Quando Layla Vitorio Peçanha evoca o dia 8 de fevereiro de 2003, fala dele como um segundo nascimento. Ansioso, o então adolescente pegou o caminho para o campus da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), um dos melhores do país. Em uma parede está pendurada a longa lista daqueles admitidos no dicile

exame vestibular. Layla procura seu nome, encontra, grita "muito, muito alto" e começa a chorar nos braços de uma amiga.



Layla Vitorio Peçanha na Biblioteca de Manguinhos da Fundação Oswaldo Cruz, onde estuda, no Rio de Janeiro, 21 de julho de 2023. MARIA MAGDALENA ARRÉLLAGA PARA "O MUNDO"

“Foi um dia tão forte, histórico!”, lembra essa mulher, hoje com 36 anos, que, formada em ciências sociais, está concluindo o mestrado em saúde pública. Porque Layla, filha de um eletricista e de uma faxineira que cresceu nos bairros pobres do Rio, também é sobretudo negra. “De onde eu venho, ir para a universidade é como ir à lua” ela solta.

O seu sucesso deve-o ao seu trabalho árduo, mas também às cotas raciais sem as quais “nunca teria passado no vestibular”. Criados pela UERJ em 2003, antes de serem generalizados nas universidades federais brasileiras pela lei de 2012, têm produzido efeitos tão rápidos quanto massivos. Em uma década, o número de estudantes negros na universidade saltou 400%. Anteriormente uma minoria muito pequena, eles agora representam metade dos estudantes do ensino superior.

“Impacto geral e decisivo”

“Histórico”, a palavra escolhida por Layla não é muito forte, num país marcado por três séculos de escravidão onde os negros, porém em sua maioria, permaneciam excluídos do ensino superior e das melhores profissões. Melhor, as cotas deram origem a uma geração inédita, chamada de “cotistas” (“quotists”, em francês), que hoje perturba os alicerces da sociedade brasileira.



Felipe Berin, militante político e futuro candidato à Câmara Municipal do Rio de Janeiro, 20 de julho de 2023. MARIA MAGDALENA ARRÉLLAGA PARA "O MUNDO"

Adotadas na presidência de esquerda de Dilma Roussef, as cotas foram "fruto de uma batalha muito dura", lembra Paulo Paim, senador do Partido dos Trabalhadores, relator do texto e um dos pouquíssimos deputados negros eleitos pela Câmara alta. . Contra o vento, parte da esquerda denunciou o advento de uma sociedade de ação afirmativa (“discriminação positiva”) ao estilo americano. “A direita, ela, previu queda do nível educacional e guerra civil”, lembra Paim. Entre os adversários estavam figuras como o cantor Caetano Veloso.

A manhã do mundo

Todas as manhãs, encontre nossa seleção de 20 artigos imperdíveis

[Baixe o aplicativo](#)

No entanto, a lei não estabelece cotas estritamente “raciais”. Se 50% das vagas nas universidades federais são reservadas aos cotistas, os critérios de alocação passam a combinar formação educacional, renda familiar e etnia para negros, mas também indígenas, tudo proporcionalmente à composição da população de cada estado do Brasil.

“Todas essas críticas não passavam de um disparate!”, conclui Paulo Paim, que se vangloria de uma medida “tão importante, senão mais importante, que o Bolsa Família”, o famoso subsídio instituído pelo Partido dos Trabalhadores. A lei produz um efeito cascata em quase todas as universidades, públicas e privadas, que implementaram políticas de discriminação positiva. Acima de tudo, “teve um impacto geral e decisivo sobre o lugar do negro no Brasil”, arma o senador.



Afresco com figuras históricas indígenas e afro-brasileiras, na universidade Federal Rural Rio de Janeiro, 20 de julho de 2023. MARIA MAGDALENA ARRÉLLAGA PARA "O MUNDO"

Este é o primeiro caso no superior. Comprovado pela carreira de Janete Baptista do Nascimento. "Antes os únicos negros que encontramos aqui, eram os dos times de limpeza!", recorda esta professora primária de 57 anos, que marca

você no prestigioso Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio, no frontão de um templo grego. Um lugar “onde os negros já se sentiram como peixes fora d’água”, diz ela.

Afirmação da identidade negra

Graças às cotas, Janete conseguiu integrar a Universidade Federal do Rio (UFRJ) e lá defendeu em maio um mestrado em psicossociologia, com tese voltada para a política no candomblé, religião afro-brasileira.

"Para a defesa, consegui trazer todo o júri para um terreiro [local de culto do candomblé] em Magé, na zona norte do Rio: tudo isso seria inimaginável dez anos atrás", diz Janete. Prova de que “as universidades mudaram de cara, mas também de espírito”.

As cotas permitiram ascensão social sem precedentes em círculos tão fechados quanto o direito ou a medicina. “Hoje tem até dermatologista negro!”, entusiasma-se Renato Emerson Nascimento dos Santos, professor de geografia da UFRJ e defensor de políticas de discriminação positiva. “O modelo francês, que proíbe estatísticas e cotas raciais, é uma aberração.

Por trás de uma fachada humanista, não resolve nenhum dos problemas concretos do racismo que estruturam a sociedade”, decide.



Alunos de Direito em sala de aula na Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 20 de julho de 2023.
MARIA MAGDALENA ARRÉLLAGA PARA "O MUNDO"

Os ventos da mudança também estão afetando a política. Veja a Câmara dos Deputados, eleita em 2022, onde os eleitos negros ocupam agora um quarto das cadeiras. “Somos uma geração politizada, comprometida, que se recusa a aceitar o mundo como ele é”, acredita Felipe Berin, 32. Esse cotista carioca caloroso, de dreads e terno e gravata, membro de uma infinidade de organizações de esquerda, pretende se apresentar em 2024 como candidato ao cargo de vereador do Rio nas urnas locais. “Os negros devem ocupar posições no centro do poder. Uma porta foi aberta pelas cotas e não podemos deixar que ela se feche”, insiste.

As cotas também fazem parte de um armamento positivo da identidade negra. Nos censos oficiais, 55% dos brasileiros se assumem hoje como negros (“negro”, em francês, termo resultante da escravidão e passado para a linguagem cotidiana para designar todos os negros). Essa proporção aumenta constantemente, tanto nas subcategorias pardo (“pardo”, ou mestiço, 45% da população) quanto preto (“preto”, 10%).

Bolsas de estudo escassas

“Para ter acesso às cotas, é preciso comparecer a um júri e justificar sua origem étnica. Não é agradável, mas evita fraudes”, comenta Anna Beatriz Cavalcanti, 22 anos, de óculos redondos, estudante de ciências sociais na Universidade Federal do Estado do Rio. Métis, a jovem é chamada de “a branca” em seu bairro no centro do Rio, mas tratada como escravinha (“escravinha”) nas áreas de classe média da cidade. “Participar do processo de cotas te obriga a refletir sobre si mesmo, a assumir uma identidade”, exp



Anna Beatriz Cavalcanti, aluna da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 21 de julho de 2023. MARIA MAGDALENA ARRÉLLAGA PARA "O MUNDO"

Mas, para muitos, o "processo" de armamento continua doloroso. "Nós estão presos entre dois mundos", testemunham em uníssono Giovanna e Fabio da Silva, um casal de cotistas de 27 e 32 anos, respectivamente formados em

arquitetura e história da Universidade Federal Rural do Rio e moradores de Mesquita, subúrbio pobre localizado ao norte da cidade. “Em casa, e principalmente na igreja, somos vistos como elitistas, transgressores, progressistas demais. Mas entre os ricos, eles têm pena ou medo de nós, eles nos excluem de seu círculo. Você não se sente bem em lugar nenhum”, lamentam.

Para piorar a situação, as bolsas são escassas e o apoio aos copagadores quase inexistente na universidade. “Quando desembarquei não entendia nada das aulas, não dominava o estilo acadêmico, não sabia fazer pesquisa bibliográfica... Fiquei totalmente desamparada, me achava burra.

Nenhum professor se ofereceu para me ajudar”, lembra Beatriz Servilha, 25, estudante de medicina da UFRJ, obrigada a repetir vários semestres.

Nessas formações de elite, o racismo é onipresente. Um dia, “duas amigas foram proibidas de fazer uma prova prática por causa do corte afro”; outra, “os alunos caçoavam de mim, dizendo que eu comia tão mal como pedreiro, profissão do meu pai”, conta a jovem, com os olhos cansados e por vezes marejados de lágrimas, que diz “ter pensado muitas vezes em desistir de tudo”.



Beatriz Servilha, estudante de medicina, em frente ao Hospital Universitário Clementino-Fraga-Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 21 de julho de 2023. MARIA MAGDALENA ARRÉLLAGA PARA “O MUNDO

»

A gestão de Jair Bolsonaro (2019-2022) só piorou as coisas. O líder de extrema-direita, acostumado a saídas racistas, é um declarado opositor das cotas (“totalmente erradas”, segundo ele), que tem feito cortes drásticos nos orçamentos e bolsas das universidades públicas. Por outro lado, a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva foi vivida como um alívio. “Ele traz um pouco de segurança e estabilidade, depois de anos tão difíceis”, resume Beatriz Servilha.

Cotas em empresas privadas

Entre os cotistas, o líder da esquerda é popular. Durante seus dois primeiros mandatos (2003-2011), Lula tornou obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira, publicou um estatuto de igualdade racial e incentivou o reconhecimento dos quilombos, comunidades formadas por descendentes de escravos. De volta aos negócios, elevou as bolsas de estudo, assinou um decreto para reservar pelo menos 30% dos cargos de alto escalão para negros até 2025 e designou ministérios para figuras negras proeminentes: cultura para a cantora Margareth Menezes, direitos humanos para o advogado Silvio Almeida ou igualdade racial à ativista Anielle Franco.

Mas o apoio a Lula não é isento de críticas. “Ele só concedeu ministérios pequenos para negros, que juntos não chegam a 5% do orçamento!” Praga Joelson Santiago, coordenador da ONG EducAfro, que luta pelo acesso dos negros à educação. O tom às vezes paternalista e as gafes do presidente são exasperantes, como neste 19 de julho, quando expressou sua “gratidão” à África por “tudo o que foi produzido durante trezentos e cinquenta anos de escravidão”. Lula “é um sindicalista, formado na década de 1970, pouco atualizado em questões raciais”, resume Santiago.

Apesar de tudo, os cotistas contam com a esquerda para levar suas reivindicações e, em especial, com o estabelecimento de cotas em empresas privadas, onde apenas 0,7% dos negros ocupam cargos de chefia. “Nossa responsabilidade é transformar as conquistas individuais em conquistas coletivas e garantir o futuro dos mais novos”, insiste Layla, desde as primeiras cotas, que sonha com o doutorado e atribui à sua geração mais um dado considerável: “Não se esqueça de onde vem.



Teatro Acústico Marielle-Franco, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 21 de julho de 2023. MARIA MAGDALENA ARRÉLLAGA PARA "O MUNDO"



Formação de líderes de torcida no Teatro Marielle-Franco da Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 20 de julho de 2023. MARIA MAGDALENA ARRÉLLAGA PARA "O MUNDO"

Bruno Meyerfeld

Rio de Janeiro, correspondente